

# O DIÁLOGO DE FLORBELA ESPANCA COM NOBRE E QUENTAL

Sonia Mara Ruiz Brown<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade revelar o diálogo existente entre Florbela Espanca, famosa poetisa portuguesa (1894/1930), e grandes poetas como Antero de Quental (1842/1930) e Antônio Nobre (1867/1900), que a antecederam, porque seu encanto pela poesia levou-a a conhecê-los e lê-los. Essa influência, todavia, não se limitou a uma incorporação de estilo, sentimentos,... Florbela, a partir do conhecimento adquirido através de suas leituras, retirou impressões que foram associadas aos novos caminhos por ela traçados.

## PALAVRAS-CHAVE

Florbela; Nobre; Quental.

## ABSTRACT

*The current text intends to address the interactions between Florbela Espanca, famous Portuguese poet (1894/1930), and other great Portuguese poets that preceded her, such as Antero de Quental (1842/1930) and Antônio Nobre (1867/1900), since her enchantment for poetry lead her to know and read them. This influence, however, did not limit itself to incorporate their stile, feelings, ... Florbela, further to the knowledge acquired from her reading, developed impressions that became associated to other paths that she introduced.*

## KEY WORDS

*Florbela; Nobre; Quental.*

## Introdução

Há anos dediquei-me à leitura e ao estudo do diário de Florbela Espanca, *Diário do Último Ano*, que se mostrou ser prosa confessional trabalhada esteticamente em vista da sofisticação da linguagem ao se referir a brocados, pedras cintilantes, flores exuberantes. Sua estrutura é a da confissão do eu e autocontemplação que explodem de tal maneira que não permitem nem mesmo a referência a dados sociais e políticos de um tempo conturbado e de graves consequências. Hoje, volto-me a sua poesia, considerada, dentro de sua produção literária (diário, conto, poesia, carta), o que há de melhor.

Os livros publicados por Florbela, em vida, foram o *Livro de Mágoas* (1919) e o *Livro de Sóror Saudade* (1923), ambos de poesia. Alguns poemets de sua juventude, reunidos no volume *Juvenília*, assim como os sonetos de *Charneca em Flor e Reliquae* e o volume de contos *As Máscaras do Destino só foram conhecidos postumamente*, em 1931. Bem mais tarde,

---

<sup>1</sup> Sonia Mara Ruiz Brown é doutora em Literatura Portuguesa pela USP e professora de Língua e Literatura Portuguesa na UNIFAAT.

publicaram-se os contos *O Dominó Preto* (1982), escritos possivelmente em 1928, e o *Diário do Último Ano* (1981).

Florbela D'Alma da Conceição Lobo Espanca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo) em 1894 e faleceu, segundo alguns estudiosos, de suicídio, em 1930. Ainda bem jovem (25 anos), depois de um casamento desfeito, foi a Lisboa estudar Direito e aí publicou *Livro de Mágoas* e *Livro de Sóror Saudade*, obras publicadas às próprias custas em apenas 200 exemplares. Novamente infeliz no casamento, retirou-se do convívio social, mas ainda escrevendo poesia e publicando-a ocasionalmente. Finalmente recolhe-se a Matosinhos. Nesse momento é estimulada por nova esperança de felicidade conjugal, porém logo falece.

Segundo Maria Lúcia Dal Farra, na introdução do livro de poemas de Florbela (ESPANCA,1986), era ignorada pelo público leitor e pela crítica. Apenas era considerada por comentaristas de salão. Não frequentou círculos literários que contavam, não colaborou com nenhuma publicação relevante e teve sempre grande dificuldade em conseguir editor.

A leitura da obra dessa escritora portuguesa tem sido feita, via de regra, de duas perspectivas: de um lado, aqueles que veem sua ligação com a produção literária do século XIX, vinculada ao decadentismo-simbolismo; de outro, os que apontam seu caráter de exceção em decorrência de sua linguagem particular, de autoria feminina. Renata Soares Junqueira ainda aponta uma terceira possibilidade, que é a de relacionar sua obra à produção das três primeiras décadas do século XX, a dos modernistas (JUNQUEIRA, 2003, p.18).

Nosso objetivo, neste artigo, ao estudar a poesia de Florbela Espanca, é evidenciar a influência, em seus versos, de poetas que a antecederam e que, certamente, foram lidos e apreciados por ela: Antero de Quental e Antônio Nobre.

### **Influxo de Antônio Nobre**

Antônio Nobre (1867- 1900), poeta que se voltou apenas para o mundo de sua afetividade, depois de participar de uma geração acadêmica a que se deve a renovação da literatura portuguesa, partiu para Paris onde publicou seu primeiro e único livro, *Só*, que o notabilizou. Aí também concluiu o curso de Direito, embora tenha ocorrido em um ambiente de grande nostalgia e lamento.

Ainda que vivendo na boêmia e em meio intelectualizado, na capital da época, Paris, revela, em seus versos, a identidade portuguesa e o faz amorosamente, apresentando o espetáculo de seu país agrícola e pastoril com emoção.

É esse poeta, considerado por Fernando Pessoa a fonte “de todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá têm sido pronunciadas” (PESSOA, 1946, p.344), aquele que tornou

visível à Europa o lugar e a função de Portugal na História, atrevido-se a depreciar a Cidade Luz e dar preferência a valores, tidos na ocasião, como fora de moda, que foi acolhido e homenageado por Florbela Espanca no soneto “A Anto” (ESPANCA, 2017, p. 76):

#### A Anto

Poeta da saudade, ó meu poeta qu’rido  
Que a morte arrebatou em seu sorrir fatal,  
Ao escrever o “Só” pensaste enternecido  
Que era o mais triste livro deste Portugal!

Pensaste nos que liam esse teu Missal,  
Tua Bíblia de dor, o teu chorar sentido,  
Temeste que esse altar pudesse fazer mal  
Aos que comungam nele a soluçar contigo!

Ó Anto! Eu adoro os teus estranhos versos  
Soluços que eu uni e que senti dispersos  
Por todo o livro-triste! Achei teu coração...

Amo-te como não te quis nunca ninguém  
Como se eu fosse, ó Anto, a tua própria mãe  
Beijando-te já frio no fundo do caixão!

Presente está, no soneto, seu lamento pela morte tão precoce do poeta (32 anos) (“Que a morte arrebatou em seu sorrir fatal”) e sua confissão de amor a ele. Ela, que se diz “a dolorida” (“Eu sou a que no mundo anda perdida/ Eu sou a que na vida não tem norte/ Sou a irmã do Sonho, e desta sorte/ Sou a crucificada... a dolorida...”) (ESPANCA, 2017, p.124), encontra naquele que pretendeu escrever o livro mais triste de Portugal ressonância do seu sentir.

Se Nobre pretendeu o livro mais triste; Florbela, o das imensas mágoas (ESPANCA, 2017,122), pois é constituído de sombras, névoas, saudades, dores, ansiedades. No poema anterior, *Só* é a Bíblia de dor do poeta; no poema “Este Livro”, “este livro”, o da poetisa, é a Bíblia dos tristes.

#### Este livro...

Este livro é de mágoas. Desgraçados  
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!  
Somente a vossa dor de Torturados  
Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo...

Este livro é para vós. Abençoados  
Os que o sentirem sem ser bom nem belo!  
Bíblia de tristes... Ó desventurados.  
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedades!...  
Livro de Sombras... Névoas... e Saudades!  
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor. Os olhos rasos de água,  
Chorai comigo a minha imensa mágoa,  
Lendo-o meu livro só de mágoas cheio!...

No poeta “Que não ama, nem é amado”, a poetisa encontra irmandade na sua tristeza, no seu desalento, na sua mágoa.

Também o amor pelas coisas simples de Portugal encontradas em Nobre se fazem presentes em Florbela. A “rapariga fresca” do poeta, no poema “Soneto”, é visitada no verso da poetisa (“as raparigas mais frescas”); o fado (“Que triste fado” do poema “Lusitânia no Bairro Latino”, em Florbela, “Tens o fado [...] /O fado que dá vida e que palpita”); os campos também são cantados em ambos os poetas. Nele: “Flores dos campos, beijos de fadas/ Poentes de julho, poentes minerais, Ó choupos, ó luar, ó regas de verão!; nela: “[...] a embriaguez suave/ Dos campos, da paisagem do sol poente”.

Meu Portugal (ESPANCA, 2017, p. 69)

Meu Portugal querido, minha terra  
De risos e quimeras e canções  
Tens dentro em ti, esse teu peito encerra,  
Tudo que faz bater os corações.

Tens o fado. A canção triste e bendita  
Que todos cantam pela vida fora;  
O fado que dá vida e que palpita  
Na calma da guitarra aonde mora!

Tu tens também a embriaguez suave  
Dos campos, da paisagem ao sol poente,  
E esse sol é como um canto d’ave  
Que expira à beira-mar, suavemente...

Tu tens, ó Pátria minha, as raparigas  
Mais frescas, mais gentis do orbe imenso,  
Tens os beijos, os risos, as cantigas  
De seus lábios de sangue! Às vezes, penso

Que tu és, Pátria minha, branca fada  
Boa e linda que Deus sonhou um dia,  
Para lançar no mundo, ó Pátria amada  
A beleza eterna, a arte, a poesia!...

No sonoro soneto “Languidez” (ESPANCA, 2017, p. 145), novamente é demonstrado o amor a Portugal (“Tardes da minha terra”), além de referências a Nobre. São as “tardes d’Anto”, as tardes de sonho e de novenas. Nesse mesmo poema, o eu lírico se diz santo (“eu sou santo”), lembrando a expressão do “lusíada, coitado”, no poema “Memória” (“Só é o poeta nato, o lua, o santo”).

### Languidez

Tardes de minha terra, doce encanto,  
Tardes duma pureza d’açucenas,  
Tardes de sonho, as tardes de novenas,  
Tardes de Portugal, as tardes d’Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...  
Horas benditas, leves como penas,  
Horas de fumo e cinza, horas serenas,  
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quase pretas,  
Que poisam sobre duas violetas,  
Asas leves cansadas de voar...

E a minha boca tem uns beijos mudos...  
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,  
Traçam gestos de sonho pelo ar...

Embora Florbela seja posterior a Nobre, há nela uma preocupação maior com a forma, como se pode atestar no poema “Languidez”, todo construído em versos decassílabos e rimas interpoladas; nele há mais liberdade vocabular e, como disse Câmara Cascudo na apresentação da obra do autor, “inopinada independência rítmica” além de “linguagem pessoal, afoita e legítima, por não ter padroeiros culturais, égides anteriores que legitimassem o atrevimento” (NOBRE, 1959, p.12).

No poema “Torre de Névoa” (ESPANCA, 2017, p. 127), a menção do nome “torre” já nos faz lembrar Nobre que, no poema “Só”, declara “Menino e moço, tive uma Torre de leite/ Torre sem par”. Florbela, todavia, tem “Torre de Névoa”, “Torre esguia junto ao Céu...”, “Torre esguia,/ Feita de fumo, névoas e luar” e nela sobe para conversar com poetas mortos, ouvi-los e, então, decepcionar-se, entristecer-se, pois não há ilusão, não há fantasia. A torre do poeta é seu mundo infantil, um mundo de cuidados; a da poetisa, a sua intuição poética, seu conhecimento sobre poetas.

## Torre de Névoa

Subi ao alto, à minha Torre esguia,  
Feita de fumo, névoas e luar,  
E pus-me, comovida, a conversar  
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria  
Dos versos que são meus, do meu sonhar,  
E todos os poetas, a chorar,  
Responderam-me então: Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também  
Teremos ilusões, como ninguém,  
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...

Calaram-se os poetas tristemente...  
E é desde então que eu choro amargamente  
Na minha Torre esguia junto ao Céu!...

O poema “Só” (ESPANCA, 2017, p. 82) traz o título da única obra de Nobre, “doze composições escritas ao som do Mondengo. O Porto dera-lhe seis e Leça da Palmeira, tão querida, sete apenas [...] Paris se indicava uns vinte poemas. Mas os assuntos eram todos de Portugal” (NOBRE, 1959, p. 7).

Nesse soneto, constituído de versos heptassílabos, o eu lírico declara a pena sentida pela Lua que sempre está sozinha e confessa chorar com ela. Além do título que nos faz lembrar Nobre, a menção da ‘lua’ e de ‘coitadinha’ também nos remete a ele que se diz “o lua” (“Só, o poeta, nato, o lua”) e “coitado” (“Ai do Lusíada, coitado) no poema “Lusitânia no Bairro Latino”.

## Só

Eu tenho pena da Lua!  
Tanta pena, coitadinha,  
Quando tão branca, na rua  
A vejo chorar sozinha!...

As rosas nas alamedas,  
E os lilases cor de neve  
Confidenciam de leve  
E lembram arfar de sedas...

Só a triste, coitadinha...  
Tão triste na minha rua  
Lá anda a chorar sozinha...

Eu chego então à janela:  
E fico a olhar para a lua...  
E fico a chorar com ela!...

O longo poema “Dantes” (ESPANCA, 2017, p. 24), constituído de onze quadras, todas elas em versos decassílabos, rememora um tempo gracioso ao lado do ser amado. Num ambiente natural, harmonioso e pleno de amor e encanto, o eu poético recorda os acontecimentos de que hoje sente tortuosas saudades.

Na nona estrofe desse poema (“Olhando tanta estrela, tu dizes:/ Olha a chuva de prata que nos cobre! / Depois numa expressão amarga e branda/ Recitavas, chorando, Antônio Nobre!...), num ambiente idílico, o amado recita versos de Nobre. É importante ressaltar que, quando o faz, é com “expressão amarga e branda”. Amarga porque recita versos do poeta que se diz triste, branda porque o ambiente é de namoro, encantamento.

No soneto intitulado “O meu Alentejo” (ESPANCA, 2017, p. 56), o eu lírico elogia as belezas naturais do Alentejo designadas suas e, no último terceto, questiona “Onde há artista de saber profundo, / Que possa imaginar coisa mais bela/ Mais delicada e linda neste mundo?” Nobre também, nos dois últimos versos do extenso poema “Lusitânia no Bairro Latino”, após falar de si, de sua “Terra encantada”, do moleiro, das padeirinhas e velhinhas, do mar, dos marinheiros, das lanchas, procissões e romarias, enfim, pintar um quadro de sua terra com cenas folclóricas e atenção complacente aos tipos populares, questiona: “Qu’ é dos Pintores do meu país estranho, / Onde estão eles que não vêm pintar?”. Ambos clamam por artistas capazes de registrar cenas tão notáveis da terra que amam. Florbela busca “artista de saber profundo”; Nobre busca apenas um artista.

Há que se observar ainda a atenção dada às raparigas (toda a segunda estrofe) e as considerações sobre elas no poema “Lusitânia no Bairro Latino” (3ª parte): “Olha essas moças, olha estas Marias! / Caramba! Dá-lhes beliscões/ Os corpos delas, vê, são ourivesarias, / Gula e luxúria dos Manéis!” As raparigas da poetisa “Mostram por entre os oiros das espigas/ Os perfis delicados; as do poeta “Os corpos delas [...] são ourivesarias”. Ainda que os dois citem as raparigas, é evidente a diferença de tom empregado nos versos, pois Nobre faz uso de vocabulário mais popular e demonstra até certo desejo em relação a elas, enquanto Florbela é mais poética, já que são elas “Flores desabrochadas em canteiros,”.

### O meu Alentejo

Meio-dia: O sol a prumo cai ardente,  
Doirando tudo. Ondeiam nos trigais

D'oiro fulvo, de leve..., docemente,  
As papoilas sangrentas, sensuais...

Andam asas no ar; e raparigas  
Flores desabrochadas em canteiros,  
Mostram por entre o oiro das espigas  
Os perfis delicados e trigueiros.

Tudo é tranquilo, e casto, e sonhador...  
Olhando esta paisagem que é uma tela  
De Deus, eu penso então: Onde há pintor,

Onde há artista de saber profundo,  
Que possa imaginar coisa mais bela,  
Mais delicada e linda neste mundo?!

Ainda há um soneto dedicado “A um grande poeta de Portugal”, intitulado “A maior tortura” (ESPANCA, 2017, p. 136). Fica evidente que esse poema é homenagem a Antônio Nobre, pois há referência a leite e a dor, elementos encontrados nos versos do poeta que confessa: “tive uma Torre de leite”, numa referência pessoal e rural de fortuna e ainda avisa no primeiro poema de *Só*: “Mas tende cautela, não vos faça mal... / Que é o livro mais triste que há em Portugal.”

Florbela, no entanto, não expõe fortuna, pelo contrário: a mãe lhe deu mágoa no seu leite, pois está morta (“pobre Mãe tão branca e fria”). Comparara seu sofrimento ao do poeta para, em seguida, dizer-se ainda mais desgraçada.

#### A maior tortura

(A um grande poeta de Portugal)

Na vida, para mim, não há deleite.  
Ando a chorar convulsa noite e dia...  
E não tenho uma sombra fugidia  
Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilás tenho que enfeite  
A minha atroz, imensa nostalgia!...  
A minha pobre mãe tão branca e fria  
Deu-me de beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,  
A urze que se pisa sob os pés.  
Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura inda é maior:  
Não ser poeta assim como tu és,  
Para gritar num verso a minha Dor!...

## **Influxo de Antero de Quental**

No poema “Poetas”, a poetisa afirma ter alma para sentir a dos poetas (“E eu que arrasto amarguras/ Tenho alma para sentir / a dos poetas também”) e ela, realmente, soube sentir e reconhecer sentimentos semelhantes ainda a um outro poeta, Antero de Quental.

Quental (1842-1891) é reconhecidamente uma das mais destacadas e importantes personalidades cívicas e literárias do século XIX português e um dos melhores cultores do soneto onde expôs poética e filosoficamente sua concepção de ideal, sua sede de Absoluto e ânsia do Divino. Integrou a famosa Geração de 70 de valores positivistas, discutindo valores e buscando a identidade nacional e o reformismo social.

Esteve em Paris em 1868 e aí conheceu Michelet e Proudhon, de quem passou a comungar ideias socialistas. Daí advém a primeira fase da sua poesia, poesia combativa, plena de desejo de inovação. Em seguida, a fase conhecida como noturna, criando poemas reflexivos e de contaminação filosófica, metafísica, período de suas melhores composições.

Suicidou-se em 1891 com um tiro de revólver, em plena praça na cidade de Ponta Delgada, nos Açores.

Se podemos apontar influência de Quental sobre Florbela é, sobretudo, ao apontarmos o drama existencial de ambos, a estridência dramática e cruciante do viver de almas trágicas, embora a fonte dessa insatisfação difira em cada um deles: nela, sua insaciável sede de amor e a impossibilidade de expressar à perfeição seu estado de alma; nele, sua sede de Divino, da perfeição, do absoluto como já exposto. O poema “Vaidade” (ESPANCA, 2017, p. 123) de Florbela e o soneto “Tormento do Ideal” de Quental revelam busca similar e o reconhecimento de sua nulidade (“Tropeço, em sombras, na matéria dura, / E encontro a imperfeição de quanto existe”) Em ambos há uma busca pelo que há de maior e perfeito e o desalento de nada encontrar ou de só achar imperfeição.

### **Vaidade**

Sonho que sou Poetisa eleita,  
Aquele que diz tudo e tudo sabe,  
Que tem a inspiração pura e perfeita,  
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade  
Para encher todo o mundo! E que deleita

Mesmo aqueles que morrem de saudade!  
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...  
Aquele de saber vasto e profundo,  
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quanto mais no céu eu vou sonhando,  
E quando mais no alto ando voando,  
Acordo do meu sonho... E não sou nada!...

Outro belo soneto da poetisa, “Neurastenia” (ESPANCA, 2017, p. 132), expressa sua incapacidade de realização. Indagando a natureza (chuva, vento, neve) sobre seu sentir, descobre-se inepta na execução dos seus desejos, num tormento constante de pedir à vida mais do que ela pode lhe dar, assim como Quental, no poema “Nirvana”, num total pessimismo e derrotismo afirma “Só vê com tédio, em tudo quanto fita, / A ilusão e o vazio universais”.

### Neurastenia

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!  
Um sino dobra em mim, Ave-Marias!  
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,  
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado, chora e reza  
Por alma dos que estão nas agonias!  
E flocos de neve, aves brancas, frias,  
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas por quê?!  
Vento... tenho saudades! Mas de quê?!  
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó tortura!  
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso!

Semelhança também podemos apontar entre o soneto “O Palácio da Ventura” (“Sonho que sou um cavaleiro andante”) e o poema de Florbela “Vaidade” (ESPANCA, 2017, p. 123) / (“Sonho que sou Poetisa eleita”).

Numa passagem de seu diário, datada de 28 de abril, revelando a mesma inabilidade, afirma: “Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz que sim a todos os ventos”. (ESPANCA, 1985).

Também como Quental no soneto “Com os Mortos” (“Deixai entrar a Morte, a iluminada/ a quem vem para mim pra levar / Abri todas as portas par em par/ Como asas a bater em revoada”), Florbela anseia pela morte na trágica impossibilidade de comunicar um amor não correspondido. No soneto “A Minha Tragédia” (ESPANCA, 2017, p. 154), no último terceto, afirma que “a doida borboleta”, metáfora para a morte, rodeia-a:

“Gosto da Noite imensa, triste, preta,  
Como esta estranha e doida borboleta  
Que eu sinto sempre a voltejar em mim...

No soneto “Dizeres Íntimos” (ESPANCA, 2017, p. 131), no último terceto, outra referência à morte:

“E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)  
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...  
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!

No *Diário do Último Ano*, entre outras tantas tratando do mesmo assunto, na anotação do dia 20 de novembro, afirma:

“A morte definitiva ou a morte transfiguradora? Mas o que importa o que está para além? Seja o que for, será melhor que o mundo! Tudo será melhor do que esta vida.”

De comum entre os dois poetas, além do sentimento de derrota, há ainda o fato do suicídio.

### **Considerações Finais**

T. S. Eliot em seus *Ensaio*s afirma que “nenhum poeta, nenhum artista tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a

apreciação dessa relação com os poetas e artistas mortos” (ELIOT, 1989, p. 39). Reafirmando e mesmo completando, Pareyson, o filósofo da estética, expõe que o inovar e o conservar são funções artísticas inseparáveis, pois “continuar sem inovar significa apenas copiar e repetir e inovar sem conhecimento significa fantasiar no vazio sem fundamento” (PAREYSON, 2001, p. 137).

Florbela Espanca, ao buscar Nobre e Quental nos seus versos, não fantasiou no vazio além de ter completado sua significação ao buscá-los.

Ainda citando T. S. Eliot, as grandes obras de arte “formam uma ordem ideal entre si a qual só é modificada com o surgimento de uma nova (realmente nova) entre eles que fará com que a ordem estabelecida, que era completa, seja reajustada” (ELIOT, 1989, p. 39). Cremos que a produção poética da poetisa portuguesa foi estabelecida porque soube harmonizar presente e passado, porque criou e renovou, porque soube tirar poesia das coisas mais pungentes e das mais frágeis, das mais racionais e das mais intuitivas, porque construiu uma obra “realmente nova”.

Bakhtin, nos seus estudos, focalizou a língua em seu uso real e definiu-a como dialógica: “um enunciado deve ser considerado antes de tudo como resposta a enunciados anteriores no interior de uma esfera dada” (BAKHTIN, 1992, p. 298). Indubitavelmente, a poetisa dolorida dialogou com os grandes poetas porque seu encanto pela poesia levou a conhecê-los e lê-los. A partir desse conhecimento retirou impressões que se associaram aos novos caminhos por ela traçados.

## **Bibliografia**

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martin Fontes, 1992.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Introdução. IN: *Poesia de Florbela Espanca*. São Paulo: 1996.
- ELIOT, T. S. *Ensaaios*, São Paulo: Art, 1989.
- ESPANCA, Florbela. *Florbela Espanca Poemas*. São Paulo: Mediafashion, 2017 (Coleção Folha: Mulheres na Literatura nº 17).
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Florbela Espanca*, vol. IV. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. De Antônio Nobre a Vitorino Nemésio: Linhagens. In: *Voz Lusíada - Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes*, n 17. São Paulo: 2002.
- JUNQUEIRA, Renata Soares. *Florbela Espanca: uma estética da teatralidade*. São Paulo: UNESP, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Presença da Literatura Portuguesa III Romantismo-Realismo*. 3.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

NOBRE, Antônio. *Poesia*. São Paulo: Livraria Agir, 1959 (Coleção Nossos Clássicos, n 41)

PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1940.